

A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO EMPREGADA NA VITA *DESIDERII* DE SISEBUTO DE TOLEDO (612-621).

Prof. Dr. Ruy de Oliveira Andrade Filho
(FCL UNESP/Assis)

ruy.andrade@uol.com.br

Prof. Ms. Germano Miguel Favaro Esteves
Doutorando FCL UNESP/ Assis /Bolsista CAPES

germano_esteves@hotmail.com

Recebido em: 31/03/2014

Aprovado em: 20/03/2015

Resumo:

A *Vita Desiderii*, obra do monarca visigodo Sisebuto, que reinou de 612 a 621, foi escrita por volta de 615, exaltando e narrando a vida e os feitos de São Desidério, santo que pertencia à região da Burgúndia, no reino Franco. Com relação à questão metodológica, para a abordagem da fonte, propomos o uso da Análise Crítica do Discurso, privilegiando a conexão entre as práticas discursivas e a estrutura social. Por ordens de discurso, entendemos os conjuntos de convenções associadas às instituições sociais, dentro das quais as ordens de discurso estão ideologicamente formadas por relações de poder, bem como dentro da sociedade como um todo. Este trabalho tem como intuito traçar algumas considerações desse viés metodológico para a análise de textos medievais.

Palavras-chave: Religiosidade, Monarquia, Hagiografia, Análise Crítica do Discurso.

Abstract:

The *Vita Desiderii*, work of the Visigoth king Sisebuto, who ruled between 612-621, was written around 615, exalting and chronicling the life and deeds of St. Desiderius, who belonged to the region of Burgundy, in the Frankish kingdom. Regarding the methodological issue, to approach the source we propose the use of Critical Discourse Analysis, favoring the connection between discursive practices and social structure. By orders of discourse, we understand the sets of conventions associated with social institutions within which the orders of discourse are ideologically shaped by relations of power, as well as within society as a whole. This work has as purpose to draw some considerations of this methodological bias for the analysis of medieval texts.

Keywords: Religiosity, Monarchy, Hagiography, Critical Discourse Analysis

O poder régio na história medieval, mais especificamente na Monarquia visigoda, via-se presente em muitas esferas e contava com outros poderes que o legitimavam, como o eclesiástico, o que ilustra a sua importância dentro do tema trabalhado. Ao tratar pontualmente a obra *Vita Desiderii*, vemos, em primeiro plano, que se trata da única hagiografia escrita por um monarca em toda trajetória visigoda. Em segundo plano, mas não menos importante, que o santo, o homem das mediações perfeitas, também se configura como aquele que se opõe aos planos de dois personagens fortemente presentes neste relato, o rei Teodorico e sua avó Brunhilda, da Burgúndia. É nesse ponto, ao olhar para o contexto e os fatos presentes no relato hagiográfico, que fazemos as seguintes indagações: por que um rei visigodo de Toledo escolhera celebrar a fatídica morte de um bispo da cidade de Viena, assunto dos merovíngios da Burgúndia? Por que Sisebuto veio a ignorar os gloriosos mártires cujo culto era tão vigoroso na Hispânia, como Santa Eulália, São Vicente ou Santa Leocádia de Toledo, em honra de quem o próprio rei magnificamente reconstruiu a basílica?

A nosso ver, o rei visigodo não empregou suas habilidades para escrever sobre uma querela de tão grande interesse somente pelo prazer de demonstrar sua aptidão para a escrita, associada a uma figura de grande importância no momento, o bispo Isidoro de Sevilha. Então qual era a real intenção de Sisebuto ao redigir a *Vita*¹? Na análise do corpo hagiográfico, vemos que Desidério se configura como um mero coadjuvante, confrontado com os dois outros personagens em quem o relato é mais concentrado, o jovem Rei Teodorico da Burgúndia e sua avó Brunhilda.

Tendo isso em vista, uma análise sobre o corpo da fonte hagiográfica aqui tratada, salientando que os estudos incisivos sobre essa fonte são escassos, pode-nos levar a uma abordagem direcionada à compreensão de diversos aspectos que circundavam o reinado e as aspirações do rei Sisebuto descritas no texto hagiográfico, colocando em destaque as relações entre Igreja e Monarquia. Para tornar mais clara nossa explanação, trabalharemos em um primeiro momento a categoria literária na qual se insere a hagiografia medieval, considerando suas particularidades e as tipologias hagiográficas existentes dentro desse conjunto de fontes.

Nesse caminho, é preciso ter cautela para não cometer o equívoco de não considerá-la em função de sua autenticidade ou de seu valor histórico, pois, como alerta Michel de Certeau, isso seria submeter um gênero literário à lei de outro, a historiografia, e dismantellar um tipo próprio de discurso para não reter dele senão aquilo que ele não é (De Certeau 1997: 267).

É certo que uma análise somente historiográfica da fonte, como dito acima, resultaria num equívoco sobre a intenção do relato e sobre a figura na qual este se concentra. Porém, ao analisar o discurso, vemos que em alguns casos ocorre certo desvio de finalidade ou, por assim dizer, um foco maior em questões que não privilegiam a vida do santo, mas, sim, a de outros personagens que se encontram no relato.

Assim é inserida a figura do hagiógrafo, aquele que concebeu o relato e todas as situações que permeiam a sua vida e sua influência no momento da escrita. Portanto, situando a hagiografia e o hagiógrafo num recorte temporal preciso, não podemos deixar à parte todas essas bases para uma análise mais precisa e concisa do material hagiográfico.

Dessa forma, como propõe Michel de Certeau acerca da análise do conteúdo hagiográfico:

Do ponto de vista histórico e sociológico é preciso retrazar as etapas, analisar o funcionamento e particularizar a situação cultural desta literatura. Mas o documento hagiográfico se caracteriza também por uma organização textual na qual se desdobram as possibilidades implicadas pelo título outrora dado a este tipo de relato. Deste segundo ponto de vista, a combinação dos atos, dos lugares e dos temas indica uma estrutura própria que não se refere essencialmente “àquilo que passou”, como faz a história, mas “àquilo que é exemplar”. Cada vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma manifestação graças à combinação topológica de “virtudes” e de milagres”. (DE CERTEAU, 1997: 267)

Com relação à *VD*, temos algumas considerações que podem ser, no decorrer do estudo, de grande valia para uma compreensão mais exata do relato hagiográfico. Essa hagiografia insere-se em uma categoria na qual estão os martírios, as *passiones*, em relação à vida e morte do homem sagrado, o santo. Nesse caminho, como nos mostra Fernando Baños Vallejo, no que se refere à composição:

A primeira estrutura característica das *passiones* consiste entre o enfrentamento de dois grupos (mártires e perseguidores) e suas conseqüências concretas: a detenção, o interrogatório e o martírio. (VALLEJO, 1989: 38)

Essa primeira observação mostra-nos, mesmo que brevemente, o conteúdo geral do martírio e como esse gênero hagiográfico se apresenta. Ampliando a análise, podemos vislumbrar que existem algumas características um pouco mais intrínsecas que podemos somar ao nosso estudo. Conforme De Certeau:

A vida de santo indica a relação que o grupo mantém com outros grupos. Assim o “martírio” predomina lá onde a comunidade é marginal, confrontada com uma ameaça de morte, enquanto a “virtude” representa uma Igreja estabelecida, epifania da ordem social na qual se insere. Reveladores são também, deste ponto de vista, o relato dos combates do herói (santo) com as imagens sociais do diabo; ou o caráter, seja polêmico, seja parenético, do discurso hagiográfico, ou o obscurecimento do cenário sobre o qual o santo se destaca através de milagres mais fortemente marcados; ou a estrutura, seja binária (conflitual, antinômica), seja ternária (mediatizada e “em equilíbrio”) do espaço onde estão dispostos os atores. (DE CERTEAU, 1997: 270)

Analisando a *VD* de Sisebuto de Toledo, tendo em vista o gênero hagiográfico ao qual pertence, podemos dizer que se enquadra em grade medida nos principais topos relacionados ao martírio: o santo apresenta-se como um homem forte e cheio de virtudes, perseguido sem nenhum motivo por pessoas corrompidas incitadas pelo diabo; frente a

este, Deus não desampara seu servo, fá-lo objeto privilegiado de seus favores, que são manifestados na capacidade de Desidério de realizar milagres, o primeiro testemunho direto de sua santidade, que se relaciona diretamente ao seu martírio por não ceder em sua pregação em favor de seu povo e aos ataques dos servidores do diabo. Vemos que o hagiógrafo preocupa-se em deixar claro o conteúdo moralizante e pragmático que está prestes a elucidar aos leitores e ouvintes. Ademais, presta um compromisso com a verdade, de fornecer o exemplo, em um jogo de presente, passado e futuro, falando sobre a vida do santo, sobre os que comungam seu tempo presente e para as próximas gerações.

A obra é dividida em vinte e dois capítulos, iniciados por uma breve descrição sobre a juventude de Desidério, que desde então mostra sinais da santidade, possuindo uma grande habilidade mental, uma memória prodigiosa, bem como uma grande eloquência em seu discurso (VD, 2). Ascendendo rapidamente na carreira eclesiástica, é nomeado bispo da de Viena, fazendo com que a cidade recebesse graças e benesses, pois a presença do santo faz com que, pela vontade de Deus, os bêbados encontrem sua sobriedade, e os gananciosos, o desprendimento, vencendo a discórdia por meio de atos de caridade e humildade (VD, 3), mas o “inimigo da humanidade”, ou melhor, o Diabo, sempre invejoso das boas obras, coloca os reis burgúndios em seu caminho. Assim, diante de um contraponto entre os elementos santidade, norteada pela presença e pela ação do santo, e a maldade, perpetrada por Teodorico e Brunhilda, Sisebuto desenvolve seu relato acerca da querela que envolve os mesmos.

Saindo do plano textual propriamente dito, temos a complexa relação entre o autor e sua audiência. Como nos mostra Thomas J. Heffernan, a estética no texto hagiográfico deve ter seu valor diminuído, a arte do texto não é designada para a reflexão de habilidades individuais, de virtuosismo, mas configura-se como parte de uma tradição que postula uma diferente orientação entre autor, texto e audiência (HEFFERNAN, 1988: 18). O que une autor e sua audiência é o quanto o texto reflete a tradição que tem seu *locus* na comunidade. A natureza dessa complexa relação entre o autor e seu público pode revelar muito sobre a obra que estamos trabalhando (HEFFERNAN, 1988: 19).

Para que possamos abordar a hagiografia do ponto de vista do discurso e de seu produtor, trabalharemos com a Análise do Discurso, mais propriamente, a Análise Crítica do Discurso.

Nossa abordagem privilegia a conexão entre as práticas discursivas e a estrutura social. Dessa forma, cabe-nos, em um primeiro momento, estabelecer a distinção entre linguagem e discurso. O discurso é a linguagem enquanto prática social determinada por estruturas sociais (as regras e/ou conjuntos de relações de transformação organizadas como propriedades dos sistemas sociais), conforme postula Iñiguez (2004: 149). Ao aceitar essa premissa, estamos aceitando também que a estrutura social determina as condições de produção e difusão do discurso (IÑIGUEZ, 2004: 149). Como assinala Lupicinio Iñiguez, o relato está determinado por ordens de discurso socialmente

construídas. Por ordens de discurso, entendemos os conjuntos de convenções associados às instituições sociais. Assim, as ordens de discurso estão ideologicamente formadas por relações de poder nas instituições sociais e na sociedade como um todo (IÑIGUEZ, 2004:149).

A partir desse ponto de vista, nossa análise adota uma reflexão à luz da análise proposta originalmente por Fairclough, que estabelece uma visão tridimensional do discurso:

O discurso como prática textual: concepção do discurso como unidade lingüística, superior à oração, coesa e dotada de coerência, construída a partir de determinados materiais lingüísticos; pressupõe a explicar as regras de produção textual, a forma como o texto é tecido e como adquire a sua textura;

O discurso como prática discursiva: todo discurso se enquadra em uma situação, em um tempo e espaço determinados e, por esse motivo, o termo discurso nos refere também uma prática discursiva que permite a realização de outras práticas sociais (julgar, classificar, informar);

O discurso como prática social: relação dialética que existe entre as estruturas e as relações sociais que, se por um lado configuram o discurso, por outro são por ele influenciadas, consolidadas ou questionadas (MARTIN ROJO, 2004: 212-216).

Os objetivos que a Análise Crítica do Discurso (a partir de agora citada como ACD) estabelece se originam dessa concepção tridimensional do discurso. Trata-se, como afirma Rojo, de saber como é realizada essa construção discursiva dos acontecimentos, das relações sociais e do próprio sujeito, a partir da análise dos aspectos lingüísticos e do processo comunicativo em um tempo e lugar determinados (MARTIN ROJO, 2004: 216). A partir desses objetivos, esboçam-se duas áreas de investigação:

Por um lado, o estudo de como os discursos ordenam, organizam e instituem nossa interpretação dos acontecimentos e da sociedade e incorporam, além disso, opiniões, valores e ideologias. Esse estudo se concentra na construção discursiva de representações sociais.

Por outro, o estudo de como esse poder gerador dos discursos é administrado socialmente, de como os discursos são distribuídos socialmente, de como lhes atribuímos um valor deferente na sociedade dependendo de quem os produza e onde sejam difundidos. Isso é a ordem social do discurso (MARTIN ROJO, 2004: 218).

A fim de abordar diretamente a fonte, utilizaremos o referencial metodológico descrito por Viviane de Melo Rezende e Viviane Ramalho concernente a análise do discurso: 1. Reflexividade: refere-se à possibilidade de os sujeitos construírem ativamente suas autoidentidades, em construções reflexivas de sua atividade na vida social. Dessa forma, identidades são construídas e/ou contestadas no discurso (REZENDE; RAMALHO, 2009: 34); 2. Hegemonia: é caracterizada como o domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais, baseado mais no consenso que no uso da força. A dominação, entretanto, sempre está em equilíbrio instável, daí a noção de luta hegemônica

como foco de luta sobre pontos de instabilidade em relações hegemônicas (REZENDE; RAMALHO, 2009: 43); 3. Ideologia (e seus modos de operação): é hegemônica, no sentido de que ela necessariamente serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes (REZENDE; RAMALHO, 2009: 49). 3.1. Legitimação: estabelece e sustenta relações de dominação pelo fato de serem apresentadas como justas e dignas de apoio (REZENDE; RAMALHO, 2009: 49); racionalização: a estratégia de legitimação baseia-se em fundamentos racionais, na legalidade (REZENDE; RAMALHO, 2009: 50); universalização: representações parciais são legitimadas por meio de sua apresentação como servindo a interesses gerais (REZENDE; RAMALHO, 2009: 50); narrativização: a legitimação se constrói por meio da recorrência a histórias que buscam no passado a legitimação do presente (REZENDE; RAMALHO, 2009: 50); 3.2. Dissimulação: estabelece e sustenta relações de dominação por meio de sua negação ou ofuscação (pode ser realizada por construções simbólicas de deslocamento, eufemização e tropo) (REZENDE; RAMALHO, 2009: 50); 3.3. Unificação: é o *modus operandi* da ideologia pelo qual as relações de dominação podem ser estabelecidas ou sustentadas pela construção simbólica da unidade. Compreendem duas estratégias de construção simbólica: a padronização (adoção de um referencial padrão partilhado) e simbolização (construção de símbolos de identificação coletiva) (REZENDE; RAMALHO, 2009: 51); 3.4. Fragmentação: as relações de dominação podem ser sustentadas por meio da segmentação de indivíduos e grupos que, se unidos, poderiam construir obstáculos à manutenção do poder. Duas estratégias: diferenciação (ênfase nas características que desunem e impedem a formação de um grupo coeso) e expurgo do outro (em que se objetiva representar simbolicamente o grupo que possa construir obstáculo ao poder hegemônico como um inimigo que deve ser combatido (REZENDE; RAMALHO, 2009: 51); 3.5. Reificação: uma situação transitória é representada como permanente, ocultando seu caráter sócio-histórico (REZENDE; RAMALHO, 2009: 51); Suas estratégias compreendem a naturalização: uma criação social é tratada como se fosse natural (REZENDE; RAMALHO, 2009: 51); eternalização: estratégia por meio da qual fenômenos históricos são retratados como permanentes (REZENDE; RAMALHO, 2009: 51); nominalização e passivação: possibilitam o apagamento de atores e ações (REZENDE; RAMALHO, 2009: 51-52).

Como apoio ao referencial metodológico proposto, utilizaremos também no que tange à ACD, com relação à análise da construção discursiva das ações e das representações sociais, nas ações e estratégias discursivas que se concentram em:

1. Construção de representações dos atores sociais: para seu estudo são analisados, antes de tudo, as formas de designação, os atributos e ações que lhe são imputados; assim como a produção de dinâmicas de oposição e polarização entre os grupos sociais (“nós” ante “eles”). Compreende estratégias de referência

e nomeação, palavras que unem e palavras que separam (MARTIN ROJO, 2004: 219-220).

2. A apresentação dos processos e, em particular, a quem se atribuiu a responsabilidade por eles e sobre quem são projetadas suas conseqüências. Para o estudo desses processos, tem especial relevância a maneira como são administrados os papéis semânticos, especialmente a que participantes se atribui a responsabilidade sobre as ações, positivas ou negativas. Compreende estratégias predicativas e as imagens simplificadoras de “eles”- atribuições estereotipadas e valorativas de traços positivos e negativos através da imputação de atributos (adjetivos) e de ações (descrição das ações e atribuição dos papéis semânticos) (MARTIN ROJO, 2004: 219-220).

3. A recontextualização das práticas sociais em termos de outras práticas. Compreende estratégias de Argumentação e fontes de *topoi* que justifiquem as atribuições realizadas (MARTIN ROJO, 2004: 219-220) .

4. A argumentação posta em jogo para persuadir a população da veracidade ou da pertinência de uma determinada representação e para justificar ações e comportamentos. Compreende a perspectiva ou enquadramento e as representações discursivas (por meio do envolvimento do falante no discurso) (MARTIN ROJO, 2004: 219-220).

5. A projeção das atitudes dos falantes para com o enunciado, incluindo não somente seus pontos de vista, mas também se eles se expressam sua posição de forma moderada ou intensa. Compreende estratégias de intensificação ou atenuação (MARTIN ROJO, 2004: 219-220).

6. Legitimação e deslegitimação das representações discursivas dos acontecimentos, dos atores sociais, das relações sociais e do próprio discurso. Compreende estratégias de legitimação das ações e do próprio discurso (MARTIN ROJO, 2004: 219-220).

Sendo assim, após essa breve exposição, munidos com o aparato metodológico próprio, mostraremos três exemplos ligados à análise da *VD*.

Aparecem, no texto de Sisebuto, dois personagens que, a nosso ver, configuram-se mais como protagonistas do que coadjuvantes em relação ao santo ao qual a *Vita* é dedicada: o rei Teodorico e sua avó Brunhilda. Vemos que esses dois personagens, até a morte do primeiro, aparecem sempre juntos no relato hagiográfico. Sisebuto apresenta-os em meio à primeira conspiração orquestrada contra o santo. Assim, na caracterização do monarca visigodo:

[...] de fato, durante o reinado de Teodorico, um homem digno de toda a loucura, e Brunhilda, a favorecedora das piores práticas, a mais íntima amiga dos maus, reuniram-se com uma mulher casada que era de linhagem nobre, mas de caráter infame, de nome Justa, mas detestável em suas ações, com honra em seu nome, mas mais vergonha em suas ações, desprovida de boas

qualidades e extremamente carregada do mau, ignorante da verdade e nunca fora do crime. (VD, 4)

Fica evidente que Sisebuto faz uma caracterização empenhada em acentuar o lado negativo dos monarcas burgúndios. No episódio que narra a conspiração contra o santo não fica claro existir ação direta dos reis nos feitos que culminaram em sua condenação.

Do ponto de vista da ACD, vemos um exemplo de reflexividade em que Sisebuto, ao construir em seu relato as identidades de Teodorico e Brunhilda, contesta-os diretamente, o que nos remete ao critério da fragmentação que, aplicado na análise da hagiografia, identifica a segmentação dos indivíduos em categorias sociais, o grupo dos perseguidores e o dos perseguidos, isolando aqueles cuja posição e postura afronta as relações de dominação. Esse seu isolamento ou fragmentação os enfraquece, destituindo-os de qualquer iniciativa que não sirva à manutenção do poder. Ademais, vemos por meio das estratégias predicativas um distanciamento direto entre os perseguidores, o santo e o próprio hagiógrafo por meio da representação e adjetivação negativa do primeiro grupo em relação a Desidério e a Sisebuto.

Em um segundo ponto, vemos que no capítulo VI, Sisebuto, ao fazer a enunciação das ações e milagres praticados por Desidério no exílio, mostra, em primeira pessoa, algumas considerações acerca de sua escrita:

É suficiente, eu penso, ter dado um relato geral sob as curas que ele realizou, mas para não fechar as portas para aqueles que gostam de conhecer as coisas com detalhes atentos a uma excessiva brevidade, então eu achei melhor registrar, neste trabalho, com a melhor das minhas habilidades, alguns exemplos particulares de suas ações (VD, 4).

A nosso ver, em um primeiro momento com relação à ACD, Sisebuto faz uso novamente do critério da Reflexividade, colocando-se vivamente dentro do texto, por meio do metadiscorso, utilizado comumente na modalidade oral do discurso que, pela busca de interação com o receptor, contribuem para que o enunciador exerça sobre aquele uma indiscutível influência e, em um segundo momento, vemos a construção de uma unidade, mais precisamente sob o critério da unificação, *modus operandi* da Ideologia, no trecho em que o monarca constrói simbolicamente a unidade cristã, à qual é dirigida uma narrativa mais detalhada dos milagres do santo.

Nos capítulos que seguem, Sisebuto narra o castigo perpetrado por Deus aos primeiros perseguidores de Desidério. Seu relato começa no capítulo VIII, em que o santo em seu exílio rejubila por seus milagres, e a notícia destes, por parte do povo, chega até o rei Teodorico e sua avó Brunhilda. Assim os reis são representados frente aos milagres do santo, e a morte entendida como castigo divino:

Inquietos a tal ponto e convulsionados pelo temor, consideraram primeiro cuidadosamente tão grandes sucessos e se perguntaram até que ponto se deve devolver a honra ao expulsado, ou prolongar a permanência do exílio e castigá-lo em vão (VD, 8).

Tal declaração de Sisebuto mostra-nos que se, a princípio, não é explícita a relação de Brunhilda e Teodorico com a primeira conspiração e condenação do santo, agora se torna claro que, por meio do temor dos reis burgúndios e da dúvida com relação à condenação, estes participaram diretamente do conluio. Dentro dos critérios da ACD que tratam da representação dos processos e as estratégias predicativas, temos a análise da representação dos atores sociais através de suas ações: se o processo consiste em uma ação realizada por um participante e que afeta outro participante, aquele que realiza deliberadamente a ação e, portanto, é responsável por ela é o agente, e o outro participante que é afetado ou modificado pela ação é o paciente (MARTIN ROJO, 2004: 232-33). Assim, fica claro que ambos participaram da primeira investida contra o santo.

Vimos com esses três exemplos como pode ser aplicada a ACD na análise de fontes medievais, mais especificamente fontes hagiográficas, ligadas ao período trabalhado neste breve estudo. Tal postura se faz particularmente necessária levando-se em conta a especificidade dos documentos medievais (neste caso, a hagiografia) cuja leitura e análise exigem uma abordagem interdisciplinar e, aqui, transdisciplinar, que visa, sobretudo, a uma maior compreensão do discurso segundo a própria ótica medieval.

Referências Bibliográficas:

BANOS VALLEJO, Fernando. *La hagiografía como género literário da idade média*. Oviedo: Departamento de Filología Española, 1989.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

HAFFERNAN, Thomas J. *Sacred Biography. Saints and their Biographers in the Middle Ages*. New York: Oxford University Press, 1988.

IÑIGUEZ, Lupicínio. A Análise do Discurso em Ciências Sociais. IN: Lupicínio Iñiguez (Coord), Vera Lucia Joscelyne (Trad). *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004, pp.105-160.

MARTIN ROJO, Luisa. A fronteira interior análise crítica do discurso: um exemplo sobre o racismo IN: Lupicínio Iñiguez (Coord), Vera Lucia Joscelyne (Trad). *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004, pp.206-257.

REZENDE, Viviane Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise do Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2009.

SISEBUTO. Vita Desiderii. In: GIL, I. (Ed.). *Miscellanea Wisigothica*. Sevilla: Anales de la Universidad Hispalense. Serie Filosofía y Letras, n.15. Publicación de la Universidad de Sevilla, 1972, pp.70-112.

¹ VITA VEL PASSIO SANCTI DESIDERII A SISEBUTO REGE COMPOSITA. IN: *Ioannes Gil. Miscellanea Visigothica*. Anales de la Universidad Hispalense: Publicaciones Universidad de Sevilla 1975. A partir de agora citaremos a Vita Desiderii somente como VD acompanhado do capítulo correspondente. Utilizamos como referencial a tradução de Jose Carlos Martin Iglesias SISEBUTO DE TOLEDO. Vida y Pasión de San Desiderio (trad. J. C. Martín). In: CORDOÑER, C. (dir.). *CD-ROM Escritores Visigóticos y Mozárabes Digital*. Fundación Ignacio Larramendi.